



EPEPE
V ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

EIXO: GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS

VIOLÊNCIA ESCOLAR E RELAÇÕES DE GÊNERO

Fernanda Cavalcante da Silva (Unidade Acadêmica de Garanhuns/UFRPE)
Giselle Nanes (Unidade Acadêmica de Garanhuns/UFRPE)

RESUMO

Este trabalho debate violência escolar e relações de gênero. Objetivamos analisar práticas de violência dentro da escola, refletindo questões de gênero. Realizamos pesquisa, de cunho etnográfico, em sala de aula com docente e discentes do 5º ano do Ensino Fundamental, escola pública de Garanhuns (PE). As análises apontam: (i) frequência de práticas de violência no contexto escolar envolvendo meninas e meninos, mas as formas de agressão física e ameaça verbal foram mais utilizadas pelos meninos, enquanto as meninas utilizavam formas de agressão, a partir de fofocas e exclusão do grupo social e (ii) reforço de desigualdades de gênero na conjuntura dos espaços físicos da escola, como sala de aula e pátio de recreação. Os dados sinalizam necessidade da escola problematizar o conceito de gênero, com propósito de valorizar as múltiplas subjetividades constituintes no ambiente escolar e intervir de maneira mais eficaz na promoção de uma escola sem violência e com equidade de gênero.

Palavras-Chaves: Educação, Gênero e Violência.

INTRODUÇÃO

A escola é um dos lugares responsáveis pelo processo de socialização de gênero. Nesse local, desde a infância, sujeitos aprendem códigos e símbolos culturalmente construídos, marcando os lugares sociais de mulheres e homens, ou seja, além de aprenderem os conteúdos das diversas áreas do conhecimento, meninas e meninos aprendem também na escola os “seus” lugares na sociedade e na cultura. Tais aprendizagens, difundidas por essa instância social, baseiam-se em uma concepção binária de gênero, que consiste em modos de ser masculinos e de ser femininos, em que comportamentos são social e culturalmente compreendidos como “naturais” (CAMPOS, 2009; AUAD, 2006).

A violência escolar, nas últimas décadas, vem sendo destaque nos meios de comunicação, em diversas partes do mundo (AMORIM, 2009). Análises sobre violência escolar têm despertado atenção de pesquisadores e profissionais de educação que, paulatinamente, vêm buscando com seus estudos apresentar causas e consequências dessa

violência. De modo geral, as pesquisas contemplam formas de violência associadas majoritariamente com meninos, havendo uma carência de estudos que abordam esse fenômeno, envolvendo meninas. Conforme Francisco e Libório (s/d) devemos observar que as meninas possuem uma forma peculiar de expressar a violência. Os meninos são, muitas vezes, encorajados pelo seu processo cultural e de socialização a assumirem atitudes violentas que são encaradas como naturais pela nossa sociedade.

Buscando traçar um perfil dos envolvidos no fenômeno bullying, um estudo realizado por Silva e Negreiros (2012) com turmas de 7ª e 8ª séries de uma escola pública da rede municipal de Floriano, no estado do Piauí, apontou quanto ao perfil das vítimas que 71,4 % são do sexo feminino, enquanto que o sexo masculino aparece com 28,5%. Em se tratando do perfil dos agressores, 87,1% são do sexo masculino em detrimento dos 12,5% do sexo feminino. Tal análise instiga a importância de se investigar as relações de gênero nas escolas, “para além da sexualidade e da educação sexual, a fim de iluminar nossas práticas e a formação de professores/as com um novo olhar” (CARVALHO, 2012, p. 401).

Nesse sentido, apresentemos neste artigo, dados da pesquisa realizada em uma instituição pública de Ensino Básico (Ensino Fundamental), localizada no município do Agreste de Pernambuco. Na primeira seção, refletimos de forma integrada o debate sobre gênero, educação e práticas de violência escolar, perpassadas pelas questões de gênero. Na segunda seção, apresentamos análise dos dados de pesquisa de campo, realizada no ano de 2013.

GÊNERO, EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA

O conceito de gênero é essencial para compreendermos o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade. Conforme Santos e Buarque (2003, p. 1), “o conceito de gênero nos permite compreender que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são, simplesmente, produtos de diferenças biológicas”. Antes, são construções resultantes das relações sociais, ou seja, produtos culturais.

Para Joan Scott (1995, p. 21), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Ou seja, as sociedades são constituídas a partir de relações entre homens e mulheres, nos diferentes ambientes públicos e privados. Por sua vez, o gênero é um componente constitutivo dessas relações, ao mesmo tempo em que é constituído por

elas. A análise das relações de gênero implica observar e questionar quatro elementos importantes relacionados entre si presentes na nossa sociedade, são eles: os símbolos, os conceitos normativos, a organização social e a identidade subjetiva.

A escola, como instituição social, acaba, muitas vezes, por reproduzir práticas pedagógicas, construindo estereótipos e contribuindo para as assimetrias de gênero. Devemos está atentos quanto ao nosso vocabulário, forma de tratamento dos sujeitos, material didático, currículos, ocupação de espaços na instituição de ensino, entre tantos outros aspectos, para que possamos construir equidade de gênero. Conforme Louro (1997) a escola produz diferenças, distinções, desigualdades que, muitas vezes são vistas como naturais, vedando a possibilidade de reflexão sobre as formas de desigualdade:

Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem “precisar” de mais espaço do que elas, parecem preferir “naturalmente” as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de “invadir” os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na “ordem das coisas” (...) Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a lógica que as regem (LOURO, 1997, p.60).

Dessa forma, a escola constrói/solidifica diferenças de gênero. Para que essas práticas não passem despercebidas e tidas como “naturais”, é preciso que possamos ser capazes de ver, ouvir, sentir as diversas formas de constituição dos alunos e alunas implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano das instituições de ensino. Os diferentes espaços da escola, os gestos dos sujeitos, as roupas, os sons, as falas, o silêncio, enfim, tudo precisa ser visto e analisado minuciosamente.

Aqui, percebemos a necessidade de educadores e educadoras se posicionarem de forma crítica em relação ao conceito de gênero, a fim de extinguir de suas práticas os discursos e práticas de desigualdade. Tal postura representa um passo importante para a implantação de uma diversidade cultural e equidade de gênero.

No estudo sobre processos de socialização de crianças na educação Infantil e relações de gênero, Vianna e Finco (2009) constataram como as características aparentemente naturalizadas e direcionadas à masculinidade e à feminilidade são resultantes de muitos esforços para deixar marcas distintas no corpo, no comportamento e nas habilidades dessas

crianças. As autoras abordam que as formas de controle disciplinar de meninas e meninos estão intrinsecamente relacionadas ao controle do corpo, à demarcação das fronteiras entre feminino e masculino e ao reforço de características físicas e comportamentos tradicionalmente esperados para cada sexo nos pequenos gestos e nas práticas rotineiras da educação infantil.

Na especificidade da análise de gênero e violência escolar argumentamos que é notório que “alguns segmentos da população sofrem graus diferenciados de violência em virtude de sua condição de gênero, classe, raça, idade, orientação sexual, entre outras” (SECMULHER, 2011, p. 19).

Entendemos práticas de bullying como “a prática repetitiva de violência física ou psicológica cometida por uma criança ou um adolescente de ambos os sexos ou grupos de crianças e adolescentes contra uma ou mais crianças ou adolescentes” (SECMULHER, 2011, p. 29). O bullying se manifesta de diferentes formas, através de agressões físicas, verbais, psicológicas dirigidas de forma repetitiva, instituindo uma relação desigual de poder entre os envolvidos. Dentre os aspectos apontados para a prevenção do bullying, destaca-se o respeito às diferenças de cor, classe, raça e gênero. É comum, por exemplo, o bullying praticado contra meninas, pelo simples fato de elas serem meninas. Assim como outros tipos de violência, o bullying também é perpassado por questões de gênero, que precisam ser analisadas.

A pesquisa realizada por Bandeira e Hutz (2012) apontou diferenças de práticas de *bullying*, mostrando que as meninas se identificaram mais como vítimas e testemunhas e os meninos mais como agressores e vítima/agressores. Quanto aos tipos de bullying mais utilizados contra as vítimas constatou-se que os meninos utilizaram mais empurrões, chutes e socos e as meninas utilizaram mentiras e fofocas. Conforme os autores, as manifestações de violência podem variar em decorrência dos papéis de gênero, portanto, é pertinente analisarmos o fenômeno bullying levando em consideração os papéis (desiguais) de gênero, construídos social e culturalmente. Nesse sentido, procuramos ampliar os estudos que avaliam gênero e violência escolar.

PESQUISANDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GARANHUNS (PE)

A pesquisa realizada pautou-se nos parâmetros da abordagem qualitativa. Os dados foram obtidos a partir de: (i) observações de campo em uma sala de aula do 5º ano do Ensino

Fundamental de uma escola pública, na qual estavam matriculados 38 discentes (faixa etária: 10 a 14 anos) e (ii) entrevistas com discentes e docente, da turma investigada.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos após desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivadas através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES/UFRPE) tendo como tema a prevenção da violência escolar, desenvolvido na escola referida, durante os anos de 2010 e 2011. Observamos, nessa escola, que as turmas que mais apresentavam casos de violência, foram turmas do 5º ano do Ensino Fundamental. Após anuência da Instituição e dos responsáveis pelos discentes, realizamos investigação. Foram efetivadas 64 (sessenta e quatro) horas de observação, ano de 2013, entre eventos de aula e de recreação. As análises dos dados estão estruturadas em duas seções: (1) Práticas de *violência escolar* e (2) *Meninas e meninos*: espaços e separações na sala de aula e no pátio de recreação.

Práticas de violência escolar

Com relação à presença do fenômeno da violência no ambiente de sala de aula foram identificados comportamentos que se enquadram em práticas de bullying. Ao indagar sobre comportamentos agressivos sofridos no espaço de sala de aula, os participantes da pesquisa listam as mais variadas formas de bullying, como por exemplo, a física, verbal e psicológica:

Puxa os cabelos, bate, belisca e chuta [...] eles sempre faz isso, todos os dias, mesmo com a professora na sala de aula (Maria, 5º ano).

[...] preconceito, eles ficam me chamando de viado porque eu gosto de sentar próximo das meninas e gosto de brincar com elas, conversar. Aí eu não gosto porque eles me chamam disso, porque eu não sou isso [...] eles xingam de gay também [...] eles faz isso sempre nas aulas (Bernardo, 5º ano).

É notória a visão estereotipada e preconceituosa de gênero sobre os comportamentos atribuídos às meninas. Vemos na afirmação de Bernardo, que ao optar por sentar-se próximo às meninas, bem como conversar e brincar com estas, é alvo de chacotas pelos outros meninos da turma, que o nomeiam como *viado*.

Na observação sobre existência de comportamentos que se caracterizam como bullying foi possível identificar variadas formas de prática de violência no ambiente de sala de aula e durante o recreio:

A aula teve início às 13 horas, os alunos foram aos poucos chegando e ocupando as carteiras, as meninas sentam sempre do mesmo lado da sala e os meninos do outro lado. A docente fez uma oração e em seguida copiou no quadro uma atividade de Matemática. Enquanto a docente escrevia no quadro, Lucas começou a passear pela sala até chegar à carteira de Bernardo que estava sentado do lado das meninas e conversando com elas. Ao chegar à carteira de Bernardo, Lucas o chama de gay, e ameaça em agredi-lo fisicamente se ele falar alguma coisa. O aluno ofendido não reage, apenas comunica à docente o ocorrido [...] as ofensas persistem durante o recreio. Enquanto Bernardo fica na companhia das meninas, Lucas e outros meninos o xingam de bichinha (Diário de campo: 02/04/2013).

A aula se inicia com uma leitura deleite, em seguida a docente corrige a atividade passada para casa e posteriormente copia no quadro uma atividade de Português. Durante a realização da atividade Sofia escreve um bilhete falando mal de uma colega sua (Maria) e repassa para as outras meninas, no bilhete a autora pede para as meninas não falarem com ela [...] a docente pega o bilhete e guarda-o [...] durante o recreio as meninas excluem Maria das brincadeiras e não falam com ela, Maria chama uma das meninas e pede que ela não fique intrigada dela (Diário de campo: 11/04/2013).

As práticas de violência observadas foram expressas em três formas variadas: verbal (por meio de xingamentos e apelidos pejorativos), física e patrimonial (através de empurrões e destruição de pertences da vítima), e psicológica (por meio da exclusão da vítima e passagem de bilhetes entre os colegas de caráter ofensivo). Aqui observamos que as meninas, diferentemente dos meninos, expressavam sua violência isolando uma colega de turma e passando bilhetes ofensivos, enquanto que os meninos adotavam prioritariamente a agressão física e verbal.

As diferenças de comportamento entre meninos e meninas são fortemente influenciadas pelas expectativas culturais de cada gênero. Assim, entendemos que a expressão da agressividade pode variar pelas diferentes expectativas culturais de gênero.

Meninas e meninos: espaços e separações na sala de aula e no pátio de recreação

No que concerne às atitudes e comportamentos foi notória a desintegração/distanciamento entre meninas e meninos no ambiente de sala de aula durante a realização das atividades, bem como durante o recreio, sendo identificada como a principal causa dessa desintegração/distanciamento a violência manifestada pelos meninos:

Ao entrarem no espaço de sala de aula as meninas e os meninos se agrupam em polos diferentes. Durante a aula as meninas conversam bastante entre si. A docente da turma desloca uma menina para o outro polo da sala, onde os meninos se agrupam (e brigam entre si interrompendo o andamento das aulas). A garota demonstra insatisfação e não se comunica com os meninos. [...] Durante o recreio as meninas se reúnem em um pequeno espaço do refeitório, distantes dos meninos que ocupam todo o pátio da escola jogando futebol. As meninas não participam das brincadeiras com os meninos, apenas conversam entre si. Um garoto jogou uma bola na direção das meninas, chegando a atingi-las. Algumas meninas pediram para que ele não jogasse mais a bola nelas, ele as respondeu de forma grosseira, chegando a ameaçá-las, nesse momento as garotas se dirigiram até a sala de aula, não revidando as ofensas por temerem ser agredidas pelo ele (Diário de Campo, 16/04/2013).

Durante o recreio as meninas brincam de elástico num pequeno espaço do pátio enquanto que os meninos ocupam o centro do pátio com o futebol, quando, de repente surge um grupo de meninos que interrompem a brincadeira (passando entre os elásticos), deixando-as irritadas. As meninas pedem para eles saírem, mas eles continuam a atrapalhar a brincadeira. Uma delas vai chamar a auxiliar de disciplina que intervém retirando-os para longe das meninas que retomam a brincadeira (Diário de Campo, 06/05/2013).

As observações relatadas revelaram a predominância da separação/distanciamento entre meninas e meninos expressa pela disposição das carteiras. Ou seja, ao entrarem na sala de aula as meninas tendem a sentar do lado oposto aos dos meninos, devido às constantes *brigas entre os meninos*, interrompendo o andamento das aulas.

Durante observação, foi possível notar que um garoto sentou-se próximo de garotas e reuniu-se com elas pra conversar durante o recreio. Nesse dia, as meninas demonstraram interagir com ele, visto que esse garoto dificilmente se envolvia em brigas com os demais colegas de turma.

Conforme Auad (2006) as brincadeiras das quais participavam meninas e meninos, no pátio de recreação também são expressivos, pois revelam como as relações de gênero entre ambos vão sendo construídas e, ao mesmo tempo, fabricam meninas, meninos, mulheres e homens. É possível perceber nas observações acima (diários de campo) que os meninos têm uma tendência maior de dominar grandes espaços, acrescida da maior mobilidade social, visto que os meninos estavam presentes em uma atividade na qual era necessário correr e

expressar-se com o corpo de modo amplo, como exemplifica o jogo de futebol, enquanto que as meninas tinham que se conformar com os pequenos “metros quadrados” do que restava do pátio e do refeitório para brincarem de elástico ou mesmo conversarem entre si. Para Auad (2006) essas manifestações são “potentes expressões de como as relações de gênero influenciam a maneira como meninas e meninos se expressam corporalmente e, de modo claro, aproveitam diferente e desigualmente o elenco de movimentos, jogos e brincadeiras possíveis (p. 50)”.

A ocupação e o domínio do espaço do pátio pelos meninos durante recreio permitem também pensarmos o reforço simbólico da separação entre o espaço privado, atribuído às mulheres, e o espaço público, culturalmente masculino (AUAD, 2006; LOURO, 1997). “De um lado, a liberdade de movimento e a violência potencial, do outro, a abstenção e as vítimas potenciais (AUAD, 2006, p. 51)”. Isso é notório, por exemplo, nos momentos em que as meninas conversavam entre si nos arredores do pátio, ou eram ameaçadas quando se queixavam dos meninos, por esses atrapalharem suas brincadeiras. Durante as observações não foi observado nenhuma atividade desenvolvida pelas meninas que essas pudessem ocupar o centro do pátio.

Entendemos que a predominância da separação entre meninas e meninos - expressa pela disposição das carteiras, durante a realização de atividades propostas pela docente em sala de aula, bem como no pátio da escola durante o recreio - indica reforço de desigualdades e socialização de gênero. Francisco e Libório (s/d, p. 204) abordam que comumente “os meninos são movidos por processos culturais e de socialização que os encorajam a assumir posições violentas rotineiramente naturalizadas pela sociedade”, enquanto que as meninas são educadas para assumirem posições passivas, de submissão, o que as faz retrair perante os meninos. Essas atitudes reforçam as desigualdades entre meninas e meninos construídas socialmente, reconstruídas e naturalizadas no cotidiano escolar.

A descrição de atitudes e comportamentos sociais das alunas em sala de aula e no espaço escolar postulados nos diários de campo nos leva a refletir como as formas de controle disciplinar de meninas estão intrinsecamente relacionadas ao controle do corpo, à demarcação das fronteiras entre feminino e masculino e ao reforço de características físicas e comportamentos tradicionalmente esperados para cada sexo nos pequenos gestos e nas práticas rotineiras da educação.

A violência manifestada pelos meninos nos diferentes espaços da instituição de ensino também é apontada como a principal causa da desintegração entre meninas e meninos nos discursos das alunas entrevistadas. As participantes foram questionadas quanto à disposição

das carteiras (senta próxima de quem e por que), realização de atividades escolares propostas pela docente em sala de aula (com que as realiza e por que) e brincadeiras (com quem brinca e por que), conforme as afirmações seguintes:

Eu sento próxima de Lívia, porque os meninos gostam de bagunçar [...] eu brinco com Lívia e Mirela porque elas são legais [...] eu não brinco com os meninos porque os meninos são violentos (Laura, 5º ano).

Sento perto de Emile, porque eu acho que se dou mais bem com as meninas [...] eu brinco as outras meninas, não brinco com os meninos porque os meninos não são do tipo que eu queria que fosse, eles arengam, puxam meu cabelo, aí eu não gosto [...] eu faço minhas atividades com as meninas, porque elas são estudiosas e os meninos são bagunceiros, não fazem as atividades (Vitória, 5º ano).

Sento perto de Talita, porque ela é minha amiga e eu gosto dela, e também porque minha mãe disse que não é pra eu sentar perto dos meninos. Eu brinco com Talita e Emile, é porque eu não gosto de brincar com os meninos, eles fazem muita bagunça. Eu faço os trabalhos da escola com as meninas porque os meninos não fazem (Jaqueline, 5º ano).

Nas falas é importante notarmos como o poder é distribuído de maneira desigual e como as diferenças sexuais (anatômicas) são um forte critério nessa distribuição, tornando-se sinônimos de desigualdades, fazendo com que as meninas demonstrem a negação e o distanciamento dos meninos. Percebeu-se, portanto, que os meninos são movidos por processos culturais e de socialização que os incentivam a adotarem posturas agressivas como uma forma de firmar (exercer poder) sua masculinidade perante as meninas, estas, por sua vez, são conduzidas a evitar interação com os meninos.

Ao afirmarem que preferem sentar próximas de meninas, brincar e realizar as atividades propostas com as mesmas, as entrevistadas justificam suas escolhas apontando as posturas violentas expressas pelos meninos. Estes, por sua vez, são visualizados como os que detêm maior poder no espaço escolar, já que se sentem no direito de agredi-las, ameaçá-las, comprometerem o andamento das aulas com conversas e não cumprimento das atividades propostas. O que faz com que as meninas busquem de diferentes formas – nas brincadeiras, na realização das atividades e na disposição das carteiras – se distanciem, evitando assim conflitos e agressões físicas.

É importante destacar que a fala de Jaqueline reforça a concepção de que a família é uma das instâncias sociais responsáveis pela construção das identidades de gênero, visto que a mesma afirma distanciar-se dos meninos no espaço escolar devido proibição da família. Assim, entendemos como a construção de gênero perpetua-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações (LOURO, 2008).

As afirmações das entrevistadas também revelam como a escola precisa ampliar a discussão de gênero com o propósito de valorizar as múltiplas identidades constituintes no ambiente escolar. Reafirmamos que é preciso pensar na transformação social, questionando posturas de dominação e de poder estruturadas por ordem patriarcal de gênero. Isso não significa a exclusão do masculino, mas o pensar em homens e mulheres a partir do caráter relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados desta pesquisa nos conduzem a reafirmar a necessidade da escola observar especificidades da violência que possua interfaces com as questões de gênero. O conceito de gênero é essencial e precisa ser trabalhado no contexto escolar, pois permite compreender que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são, simplesmente, produtos de suas diferenças biológicas, são construções resultantes das relações sociais (relações desiguais de poder), ou seja, das relações entre as pessoas e das relações das pessoas com a natureza, no desenvolvimento social (SANTOS; BUARQUE, 2003).

Diante do apresentado, o debate sobre as relações de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental torna-se fundamental para a desconstrução de desigualdades de gênero nas relações entre os educandos, carregadas de sentidos desiguais para o que é ser menina e o que é ser menino, e que também corrobora práticas de violência, inclusive em âmbito escolar (fenômeno bullying). Faz-se necessário que educadoras e educadores promovam atividades de reflexão sobre as relações de gênero, a fim de que os(as) discentes possam ser formados e educados para uma sociedade menos violenta e desigual e possamos construir uma sociedade mais equânime.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cloves. Bullying: compreensão e intervenção – experiências internacionais. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/ **III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná. 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. **Anais**. Disponível em: <http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3442_2206.pdf>. Acesso em: 15 jun 2013.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006. 93 p.

BANDEIRA, Cláudia; HUTZ, Cláudio. M. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, v.16, n.1, p. 35-44, Jan-Jun. 2012.

BUARQUE, Cristina *et al.* **Das lutas à lei: uma contribuição das mulheres à erradicação da violência**. Recife: Secretaria da mulher. 2011.

CAMPOS, K. **Relações de gênero no cotidiano escolar**. Campina Grande: EDUFPG, 2009.

CARVALHO, Maria Pinto. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 401-412, maio-ago. 2012. Disponível
FRANCISCO, Marcus; LIBÓRIO, Renata. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio-ago. 2008.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

SANTOS, Graciete; BUARQUE, Cristina. **O que é gênero**. In: I Seminário de integração dos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher. Recife, p. 1-5. Set. 2012. Versão adaptada para o Projeto Estratégias de Igualdade de Gênero no Trabalho/2003. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

SCOTT, J. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Recife: SOS Corpo, 1995. 35 p.

SILVA, E. H. B; NEGREIROS, F. O bullying no ambiente escolar do contexto sócio-cultural de Floriano/Piauí. In: **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão – Sergipe. P. 1-15. 20 a 22 de setembro. 2012. Disponível em <http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo_15/PDF/10.pdf>. Acesso em: 03 nov 2013.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 33, p. 265-283. jul-dez. 2009.